

A técnica da Supernanny funciona?

RAYMUNDO DE LIMA *

“O que funda a sociedade é que nem tudo seja permitido: para que uma criança se civilize, pede-se que renuncie ao gozo. E é bom que assim seja, pois de outro modo um grupo social refestelando-se em gozo não iria durar muito tempo...” (Maria Cristina M. Kupfer, 1999, p.95)

A falta de comando dos pais sobre os filhos é assunto recorrente de alguns programas da TV. O *reality show* “Supernanny” é um deles; começou na Inglaterra e se espalhou em franquias pelo mundo, causando sucesso e discussão. O programa internacional é conduzido por Jo Frost, passa em mais de 170 países, mas existem ajustes do seu formato a cada cultura, condições do país e da TV que comprou os direitos do programa. No Brasil a Supernanny é Cris Poli, psicóloga argentina radicada no nosso país, do SBT. (Neste ensaio focarei mais o desempenho Joanne A. Frost, mais conhecida como Jo Frost ou Jo-Jo, porque que sua atuação e qualidade da edição são excepcionais, além da divulgação ser mundial. O sucesso dela enfim vem despertando



alguns estudos de mestrado, doutorado, e mesmo de tcc, como o de minha orientanda Andressa Shwingel, do curso de Pedagogia da UEM, defendido em 2012.

Para quem não conhece o programa, trata-se de um programa-realidade (*reality show*)¹, onde pais desesperados e estressados sentem-se

fracassados como pais porque os filhos são desobedientes, indisciplinados, próximos da delinquência, e eles terminam pedindo ajuda especializada da Supernanny. Não

¹ Outros *realities shows* também enfocam a crise da educação familiar contemporânea. Cito alguns: *S.O.S babá*, *Anjolescentes (Teen angels)*, *A domadora*, *Troca de Família*, “Tratamento de Choque” (canal A&E). Este último mostra o cotidiano de recuperação de adolescentes presos em uma instituição no Estado da Carolina do Sul, nos EUA.

veja propósito messiânico nesta demanda dos pais e nem no objetivo da Supernanny, tal como os “intelligentinhos” acadêmicos insinuem ou achincalham. Na verdade, os pais não sabem o que fazer para disciplinar as crianças na hora de comer, respeitar horário de dormir, conviver com eles de modo civilizado; também não conseguem barrar as agressões físicas e verbais dos filhos para com os eles (avós, tios, vizinhos) e impor-lhes um mínimo de regras e princípios de convivência familiar.

A filmagem mostra cenas fortes de crianças autoritárias enfrentando pais, que se acovardam, e que muitas vezes geram crise entre o casal. Imagine uma criança que nunca comeu verdura ou frutas, faz birra quando deveria comer o que tem a mesa. Em todos os episódios existem indícios de erros educativos e impotência dos pais e avós envolvidos na educação das crianças. Geralmente o pai parece ter abdicado da função paterna e a mãe se sente culpada por não ter adquirido o mínimo de informação e conhecimento necessário para cumprir sua função-mãe. Além da culpa, que é tão comum nas mães que trabalham fora de casa, alguns episódios sugerem desresponsabilidade do pai ou da mãe, negligência, preguiça, falta de habilidade para educar, sensação de fracasso ou impotência etc. As crianças além apresentar sintomas de desobediência, desrespeito, agressividade, brigas constantes, também sugere falta de consciência sobre seus atos, falta de sensibilidade ou empatia para com o esforço dos responsáveis.

Pense numa criança que empurra a mãe escada abaixo, ou que maltrata o irmãozinho. Pense numa criança sempre fica turbinada na hora de dormir, que resulta em pais estressados e irritados.

Pense numa criança que nunca comeu verdura ou frutas, faz birra quando deveria comer o que tem na mesa; e os pais terminam rendidos ao desejo da criança, por exemplo, que quer comer somente pão com manteiga de manhã, na hora do almoço e no jantar. Imagine crianças mal comportadas, briguentas com os irmãos, manhosas, que causam desespero na mãe e desafiam a autoridade do pai. Antigamente uma palmada resolvia tudo isso – parece que educava - porém hoje o ato repressor não funciona mais. Uma palmada hoje é proibida por lei (LIMA, 2004; SAYÃO, 2005; DAUDT, 2011).

Procedimentos do programa

Primeira etapa: a Supernanny observa a dinâmica familiar, sem interferir. Depois de alguns dias ela apresenta o diagnóstico aos pais. Conversa com eles observando que a(s) criança(s) não tem limites e apresenta-lhes algumas hipóteses sobre as causas. Alguns pais resistem reconhecer um possível erro educativo, outros *deixam cair à ficha*. A culpa, diante de erro, transformada em autocritica e desejo de reparação, é bem-vinda para mudar a situação familiar caótica.

A próxima etapa, a Supernanny orienta os pais como é possível resgatar a autoridade paterna e materna diante dos filhos e organizar a vida familiar, renovando ou impondo novas regras de convivência. Em tempos de declínio da autoridade do pai (LIMA, 2009), tocar nesta ferida narcísica do pai tanto pode causar mal estar no telespectador ou gozo à mulher feminista.

A terceira etapa, a Supernanny monitora a aplicação do programa. Os primeiros episódios *made in* Inglaterra, a Supernanny se matinha presente na casa, mas interferia muito pouco na

dinâmica familiar. Nos episódios recentes, Jo Frost adotou um estilo mais próximo, às vezes ela própria interfere junto às crianças descontroladas, abraça a mãe como sinal de conforto, e até se permite emocionar com determinada situação. Mas seu foco de trabalho é com os pais, no fundo, trata-se de um programa de reeducação de pais. A disciplina das crianças vem em segundo lugar no programa.



Discussão, avaliação ou apreciação das técnicas da Supernanny

A psicóloga e colunista da Folha de São Paulo/Caderno Equilíbrio, Rosely Sayão (23/05/2007), observa que

“muitas das recomendações praticadas pelos pais das crianças descontroladas, devidamente orientados pela Supernanny, *funcionam*. E o que significa funcionar no contexto do programa? Fazer com que as crianças deixem de se comportar de modo inadequado ou desrespeitoso e passem a ter atitudes mais obedientes”.

Sayão também aponta críticas ao ‘tecnicismo’ da Supernanny, e reconhece que funciona mais como psicoterapia familiar cujos filhos demandam ajuda especializada, para além dos dias que ela fica com a família. Ou seja, não podemos reduzir o programa a uma terapia comportamental

para crianças mal educadas, desobedientes e talvez pré-delinquentes.

Abaixo, apresento alguns pontos mais positivos que negativos do programa Supernanny:

1) A Supernanny leva uma rotina para a família perdida, estressada, desesperada, cuja casa está bagunçada e os filhos estão no comando perverso dela. Todos da família precisam cumprir esta rotina, com horários combinados ou impostos, sob a liderança dos pais que devem procurar cumprir cada etapa. (Note que muitas famílias não têm rotina, nem horários definidos para as tarefas domésticas e atenção aos deveres de escola; cada criança faz o que quer e quando quer. Almoçar junto, ajudar nas tarefas domésticas, deveriam ser rotinas em família).

2) Depois de ter observado o dia a dia da família, a Supernanny cria regras que os pais devem aplicar na relação com os filhos. Os pais devem resistir às mãinhas e à sedução dos filhos para voltar à bagunça. No lugar da ditadura dos instintos infantis, perversos e sem limites, agora os pais devem impor regras de respeito e civilidade. Não deve existir negociação entre pais e filhos sobre as certas regras de civilidade. Exemplos: aprender a cumprimentar, pedir licença, saber se comportar a mesa, comer o que todos estão comendo, não bater, não fazer birra, não xingar, aprender dormir na hora certa, etc.

3) A Supernanny estimula a mãe a falar num tom de autoridade, olhando nos olhos da criança. Este simples gesto é útil para levar a criança adquirir consciência de quem comanda a casa, e exercitar a auto-estima dos pais-autoridade familiar. A repetição deste gesto pode gerar mais que hábito, a virtude de respeitar pai e mãe. Este

princípio vem desde Aristóteles, mas parece que foi perdido pela educação contemporânea, que mais valoriza os direitos da criança e do adolescente ignora os seus deveres. A ética de sacrifício incondicional dos pais de nossa época deve ser repensada em função dos seus próprios direitos. (Ex.: Uma mãe não dormia direito há seis anos, por causa das mánhas do filho; outra não desgrudava da filha de três anos para evitar que explodisse em choros e arrancasse os próprios cabelos; um casal de avós estava no limite de sua saúde porque a filha não assumia o casal de gêmeos).

4) As regras da Supernanny são fundamentadas na psicologia da recompensa-punição. Assim, se um filho obedece aos pais ganha uma estrela para colar num cartaz previamente confeccionado; se desobedece ou não cumpre algo acordado deixa de ter acesso a um brinquedo por um período, ou suspende um passeio programado etc. Existem ainda punições específicas: o “cantinho da disciplina” ou “área da reflexão”, isto é, a criança deve pensar sobre seu erro sentado por alguns minutos (1 minuto para cada idade) e depois do tempo cumprido ela deve pedir desculpas aos pais. Se a criança sair do lugar, chorar, gritar, é preciso levá-la de volta, não importa se for 10 ou 50 vezes, o pai/ a mãe precisa levá-la ao cantinho, até ela cumprir com a ordem e saber quem está no comando. O propósito da técnica é levar a criança a refletir sobre seu agir errado, birrento, depois corrigi-lo, e ensiná-la pedir desculpas. O uso deste procedimento comportamental tem sido usado no programa até em criança de dois anos, que resiste dormir na hora certa, por exemplo. Muitos pais cedem logo, porque ficam com pena da criança ou

porque se acovardam diante do poder que ela adquiriu diante de pais fracos.



Contudo, há psicólogos e pedagogos, que em nome do princípio de liberdade condenam o uso da técnica do cantinho da disciplina, por ser simplista, tecnicista, behaviorista autoritário, entre outros argumentos e pseudo-argumentou. Colhi na internet uma destas críticas, que parece se posicionar contra o autoritarismo ou “totalitarismo” do programa, nestes termos:

“A educação deve ser um processo de construção de conhecimento e não de imposição de limites e condicionamento.

Como podemos esperar realmente educar (construir conhecimentos) nas crianças utilizando métodos totalitários que se baseiem no cumprimento de regras, as quais as crianças sequer sabem por que existem ou são como são?”(CONDE, 2010).

Fiquei pensando se a autora do texto sabe a origem do termo totalitarismo ou “métodos totalitários”? Se a autora do texto conhece a obra de Hanna Arendt “As origens do totalitarismo”? Será que educar crianças para assimilar regras

implica necessariamente em usar método ser totalitário? E continua:

“O papel dos pais não deve ser corrigir as crianças. Ao contrário, eles devem problematizar, questionar e ajudar a construir, principalmente clareando suas percepções. Não se deve pensar em limites, mas sim em aprendizagem” (CONDE, 2010).

Suspeito que a autora se posiciona do lado de um "construtivismo" de tendência anarquista. A autora, antes desta parte, cita Piaget, daí estar na linha equivocada do slogan “aprender a aprender”. Neste fragmento, acima, ela exagera ao entender que “os pais não devem corrigir as crianças”. Não mesmo? Como não corrigir as crianças e adolescentes quando eles erram? Esta atitude “não corrigir” não seria negligência? Provavelmente também os professores não deveriam corrigir os alunos que erram em matemática, ou ao

construir frases erradas, ou quando tiram caca do nariz em sala (LIMA, 2012). Qual seria, então, o papel dos adultos diante da nova geração refém dos instintos ou pulsões anarquistas em pacto com as distrações tecnológicas? Devemos deixar os filhos horas a fio diante de uma tela, sem corrigir o uso do tempo? Deixar os alunos dispersos na sala de aula, sem chamá-los para atenção? Sobrevive a geração dos novos sem a transmissão proporcionada pela geração dos velhos? Ou qual é a função

da educação entre o passado e o futuro? (ARENDT, 2001) poderia corrigir este exagero da autora.

Ou mesmo ver um filme baseado em livro homônimo “*O senhor das moscas*”, em que crianças antes bem educadas são obrigadas a se virar numa ilha sem adultos, não conseguem reproduzir as regras de convivência que adquiriam na civilização. Ainda, como “problematizar” crianças de tenra idade que não sabem assimilar este conceito [problematização], que até alunos

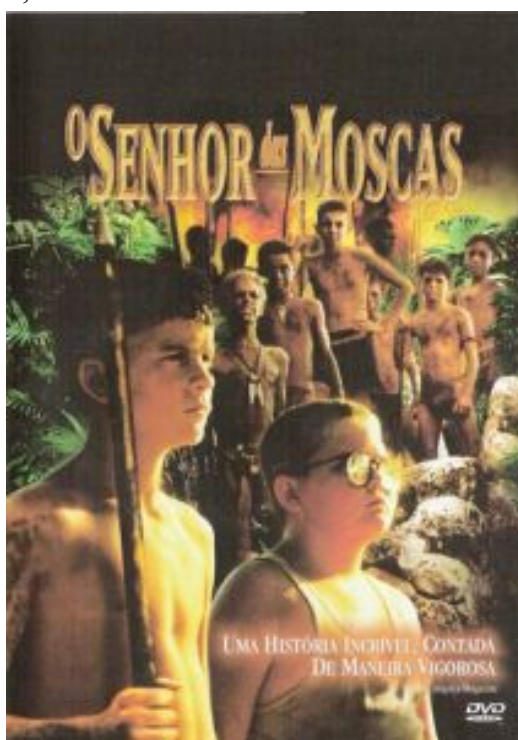
universitários tem dificuldade de entender e aplicar na elaboração do projeto de pesquisa científica? A frase de arremate “Não se deve pensar em limites, mas sim em aprendizagem”, nem merece comentário.

Não pretendíamos, aqui, entrar no mérito desta discussão. (Sugiro ler a tese de doutorado de Flávio Roberto Meurer [2009], que no capítulo 4 analisa a relação entre a

educação permissiva de nossa época e o limite dos programas-realidade).

Então, como vejo o programa Supernanny?

Vejo-o como positivo, porque dentro do limite de um programa-realidade, contribui para educar pais bobos, despreparados ou fracassados na arte ou técnica de educar filhos. (Contribuir não quer dizer que efetivamente educa). Educar é um ato impossível, escreveu



Freud. Mas é um ato que exige esforço, comprometimento, envolvimento afetivo-emocional, direcionamento ético. A palavra esforço aponta para “trabalho”. Infelizmente muitos pais hoje não se dão ao “trabalho” de educar os filhos (AQUINO, 2011). Daí as crianças se comportarem como abandonadas de pais vivos. .

Por que não orientar pais perdidos para aplicar algumas técnicas visando civilizar os filhos? Por que não confiar no discernimento dos pais sobre que técnicas funcionam ou não funcionam? Por que assimilar rotinas, e adotar um mínimo código de convivência em família, na escola e na sociedade? Os cínicos que acham que devemos abolir todas as regras assumem que apostam na barbárie “quanto pior, melhor”? Aliás,

“qualquer tipo de jogo esportivo (...) há regras, as penalidades para as faltas – transgressões – que possam ser cometidas já são previamente elaboradas. E mais: sabemos que tanto as transgressões quanto as penalidades fazem parte do jogo. Por que seria diferente no ‘jogo da educação’ ou, no ‘jogo da vida’?” (SAYÃO, 30/05/2007).

Os especialistas em educação, principalmente *made in* cursos de Pedagogia, automaticamente criticam qualquer programa televisivo, por tradição e compulsão à repetição de sua neurose acadêmica. Eles são bons, afiados para criticar, mas péssimos na hora de propor soluções práticas. Muitos escondem o próprio fracasso ao educar filhos. Educar filhos é um desafio para todos, ignorantes e doutores. Entendo que o programa Supernanny inova tanto na televisão como na arte-ou-técnica de educar filhos numa época complexa, cuja transferência positiva se descola dos pais para as telas e telinhas eletrônicas.

Supernanny “contribui” para pensarmos um novo modelo de reeducação dos pais para reeducar filhos fora do controle ou em risco.

Crianças não são anjos e nem demônios, mas seres humanos que precisam adquirir o mínimo de código de convivência social. Um filósofo da antiguidade recomendava educar a criança é condição para ela se tornar adulto civilizado. Caso contrário, estamos contribuindo para reforçar o narcisismo infantil em pacto com o narcisismo hedonista de nossa época (COSTA, 1988). Conforme demonstra Zizek (1999), o superego não tal como pensou Freud não mais funciona: “o superego pós-moderno” (sic) funciona em outra base, alimentado pela sociedade liberal-permissiva.

O aumento de delinquências em jovens e até crianças (POSTMAN, 1999) é sintoma tanto de falta de educação adequada dos pais como do descaso da sociedade cada vez mais liberal, permissiva, próxima da barbárie. Muitos filhos indisciplinados e resistentes à educação convencional também causam descontroles e desgastes na relação conjugal: o pai passa a culpar a mãe e vice-versa. Possibilidade de separação conjugal é o fantasma presente no trabalho da Supernanny. A falta de comando em casa já é sentida na escola. Filmes recentes² apresentam uma nova geração de alunos prontos para delinquências dentro e fora da escola. Reforçamos a hipótese de que o trabalho da Supernanny ser (psico)terapia familiar e não simples

² “Coach Carter: treino para a vida” (EUA/2005), “Escritores da liberdade” (EUA/2007; “Entre os muros da escola” (França/2009), “O substituto” (EUA/2011), são filmes que mostram alunos prontos para agredir o professor, no fundo, instintivamente colocam em xeque a docência e o valor da própria escola moderna.

treino comportamental para as crianças serem obedientes, é válido dentro dos limites de um programa televisivo no formato *reality show*.

Concluindo, ousar sugerir as Secretarias de Educação de cada município convocar pais de alunos difíceis para cursos e orientação sobre “como educar filhos”. Igrejas também poderiam contribuir nesse sentido. O poder público, as Organizações não-governamentais (ONGs), deveria repensar sua atuação, junto aos pais em risco. Se a sociedade não criar algum dispositivo de orientação especializada multiprofissional ou interdisciplinar dos pais seremos condenados a conviver com uma geração de delinquentes, que se acham no direito de se vingar dos adultos que não tomaram para si a responsabilidade educativa. Porque só a Supernanny é insuficiente.

Referências

- AQUINO, Julio Groppa. **A família no fogo cruzado da educação contemporânea** [conferência]. CPFL: 2011. Disponível em: <http://www.cpfcultura.com.br/site/?s=julio-aquino>
- ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2001, p. 238-9.
- CONDE, Kelly. **SuperNanny: Heroína ou Vilã?** (21/12/2010). Disponível em: <http://criandocondicoesaliberdade.blogspot.com.br/2010/12/supernanny-heroina-ou-vila.html>
- COSTA, Jurandir F. *Narcisismo em tempos sombrios*. In: **Percursos da história da psicanálise**. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre, 1988.
- DAUDT, Francisco. **Palhada. Folha de S. Paulo**, 27-dez-2011.
- LIMA, Raymundo. **Palhada educa?** [2004]. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/042/42lima.htm>
- LIMA, R. *O declínio da autoridade: efeitos na família e na escola*. In: **Educação no séc.XXI**. Maringá: Eduem, 2009. Tb:
- <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/Es-pacoAcademico/article/view/8660/4812>
- LIMA, Raymundo. **Tirar caca do nariz: um assunto sério**. [2012]. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/17119>
- KUPFER, Maria Cristina M. *Por uma vara de vidoieiro simbólica*. In: **Autoridade e autonomia na escola: alternativas e práticas**. (Org.: Julio Groppa Aquino). São Paulo: Summus, 1999, p.85-99.
- POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.
- SAYÃO, Rosely. **Super Nanny funciona?** (Publicado em **Folha de S. Paulo – Cad. Equilíbrio**, 23/05/2007). Disponível em: http://blogdaroselysayao.blog.uol.com.br/arch2007-05-16_2007-05-31.html
- SAYÃO, Rosely. *Palhada educa ou deseduca?* **Folha de S.Paulo – Equilíbrio**. 07 de abril de 2005. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/eq0704200513.htm>
- SAYÃO, Rosely. **Princípios e Regras**. (Publicado em **Folha de S. Paulo – Cad. Equilíbrio**, 30/05/2007). Disponível em: http://blogdaroselysayao.blog.uol.com.br/arch2007-05-16_2007-05-31.html
- SAYÃO, Rosely. **Regra é importante mesmo que não cumprida. Folha de S. Paulo – Cad. Equilíbrio**. 17 de julho de 2003. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/eq1707200306.htm>
- SBT-TV **Supernanny. Cris Poli**. Disponível em: <<http://www.sbt.com.br/supernanny/cris/>>. Acesso em 21 Set. 2011.
- SHIWINGEL, Andressa C.O. **Indisciplina e tercerização da educação: um estudo sobre o programa Supernanny**. 2012. (TCC – Pedagogia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2012.
- SUPERNANNY. *Apresentações no Brasil com Cris Poli* (SBT).
- SUPERNANNY. *Internacional com Jo Frost*: Channel 4, ABC, NBC, Discovery Home & Health, Canal Viva/ Globo, GNT/Globo – Brasil.
- ZIZEK, S. *O superego pós-moderno*. In: **Folha de S. Paulo – Mais!** 23/ maio/ 1999: 5-8.

Sugestões de leitura

ARENDT, H. **As origens do totalitarismo**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

ARAÚJO, Ulisses F. Respeito e autoridade na escola. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.) **Autoridade e autonomia na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1999. p. 31-48.

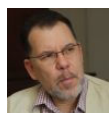
LA TAILLE, Yves de. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In. AQUINO, Julio Groppa (Org.) **Indisciplina na escola: Alternativas Teóricas e Práticas**. São Paulo: Summus, 1996. p.9-23.

MEURER, Flávio Roberto. **Televisão e racionalização do cuidado infantil: O**

programa Supernanny como mediação da incerteza sobre a infância. 2009. 152f. Tese. (Doutorado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/17395/000715092.pdf?sequence=1>> Acesso em: 4 Out. 2011.

Recebido em 2013-06-03

Publicado em 2013-06-11



* **RAYMUNDO DE LIMA** é Doutor em Educação e docente do Departamento de Fundamentos da Educação, Universidade Estadual de Maringá (DFE/UEM)